

---

Experiências Visitadas: Escolas Família Agrícola FUNACI– PI (2010) e Projeto de Mini-fábricas de Beneficiamento de Castanha de Caju: O caso do Assentamento Che Guevara (2014)

---

Pensar no CLIU sempre me remete a ideia de “novidade”. Quando soube do projeto, eu tinha acabado de entrar no mestrado, numa área diferente da minha formação inicial. Começava a conhecer a Fundação João Pinheiro, o campo da administração pública, os ritmos e demandas do novo curso e, não bastantes essas novidades, fui selecionada pela FJP para participar do CLIU. Nesse momento, nem de longe eu imaginava quanta novidade essa participação traria para minha vida.

E foi novidade a preparação para o campo, a seleção de uma aluna para compor a dupla e, na data planejada, seguir para Teresina. Foi novidade viajar de avião, encontrar em campo uma dupla de pesquisadores da Fundação Getúlio Vargas e, ao mesmo tempo, conhece-los pessoalmente e iniciar o trabalho. Foi novidade a comida, o clima, o contato com a realidade do sertão do nordeste, com o trabalho da instituição que mantém várias Escolas Famílias Agrícolas – EFAs no Piauí.

Como supervisora, foi novidade mudar o foco da experiência para a dupla de alunos supervisionados. A curiosidade e a vontade de descobrir sobre a realidade pesquisada precisavam dar lugar para uma ação ativa de facilitar a aprendizagem dos dois, o que nem sempre era simples nem fácil. Felizmente, o formato das equipes do CLIU nos permite compartilhar a supervisão. O que representou uma experiência de aprender com uma pesquisadora mais experiente e a oportunidade de fazer uma nova amiga.

O acompanhamento da elaboração do relatório também foi uma novidade. A elaboração à distância agrega um desafio à fileira de outros, inerentes a esse tipo de trabalho compartilhado: as diferenças nos estilos de escrever, nos tempos disponíveis, nas análises do que foi visto em campo.

Aí, vem o Dia da Pesquisa! Ah, o Dia da Pesquisa. Para qualquer aluno da FGV, um dia com os colegas apresentando seus trabalhos de pesquisa. Um dia atípico, porém, no ambiente de todo dia. Para mim e para a Marcela era um turbilhão de novidades: São Paulo, metrô, um monte de gente que não conhecíamos, o prédio da FGV e as salas diferentes do que estávamos acostumadas e todo um protocolo de cerimônias com pessoas que não conhecíamos e tudo o mais.

Mesmo com os contatos breves foi possível perceber que a equipe do Ceapg, coordenadora do CLIU, não correspondia ao estereótipo dos “acadêmicos donos de certezas e respostas”. Defendiam e praticavam “outro jeito de fazer pesquisa” feita por um “pesquisador conversador”, que mira seu olhar no outro enquanto sujeito e não enquanto objeto de pesquisa. Essa novidade me fez considerar a possibilidade de uma carreira acadêmica, inclusive.

---

---

Tantas novidades vivenciadas fizeram do CLIU um processo de aprendizagem importante para mim e para minha carreira como pesquisadora. E, já seria teria sido uma experiência marcante se a história terminasse ali.

Terminei o mestrado e, em 2011, fui convidada a trabalhar no Governo de Minas Gerais. Em 2013, fui contatada pelo Prof. Bruno Lazzarotti, professor da Fundação João Pinheiro e parceiro da FGV na execução do CLIU com a proposta de recepcionar uma equipe do CLIU que desejava conhecer o programa em que eu trabalhava, o Travessia. Organizar as equipes de técnicos para recebe-los, pensar nas pessoas com quem conversar e nos locais para visitar, fornecer as informações necessárias para conhecerem o programa foram as novidades desse novo lugar. O tempo todo eu me perguntava: o “percurso” que estou propondo vai permiti-los entrar em contato com o que é relevante para conhecerem esse projeto? Exigia que eu fizesse um exercício de olhar meu trabalho cotidiano com olhos de quem o vê pela primeira vez e quer conhecê-lo.

Em 2014, ingressei na FGV como aluna do doutorado em Administração Pública e Governo e pude, novamente, ter a experiência de supervisionar uma equipe do CLIU. E nem por um minuto ousei suspeitar que a novidade não seria a tônica do processo novamente... Como o CLIU me oportunizou aprender, nós não voltamos nunca. Porque não somos os mesmos, os lugares não são os mesmos e as situações não são as mesmas.

Para começar, estar agora na FGV e não mais na instituição parceira já era uma novidade. É diferente ver o CLIU a partir do Ceapg, perceber o envolvimento dos alunos, ter contato com os outros supervisores de equipe e compartilhar a preparação para o campo. Para além disso, o CLIU apresentava um formato que espelhava um amadurecimento de quem, para além de permitir que os outros conheçam e aprendam, aprendeu consigo mesmo e se aprimorou. Assim, passaram a ser realizados seminários de preparação para o campo. Nesse dia, as duplas das instituições parceiras são convidadas a virem até a FGV. Todos os participantes se reúnem e as equipes podem se conhecer e reunir antes da chegada no campo, podem conversar a respeito do “jeito Ceapg de fazer pesquisa”, conversar sobre a experiência e se preparar melhor. Isso para que, em campo, tudo transcorra na mais perfeita harmonia (Ou, ao menos, é isso que se desejava.).

O processo de supervisão foi novidade, assim como foram novidades outra equipe, outra dupla de supervisão, outro campo. O mesmo posso dizer sobre meu olhar sobre o campo, sobre minhas condições e capacidades para facilitar o trabalho da dupla e auxiliá-los em seu processo de aprendizagem.

Tantas novidades fazem com que os contatos com o CLIU sejam ocasiões para o crescimento e aprendizado. Posso dizer que a participação nesse projeto iniciou um processo importante de aprimoramento da minha formação profissional e acadêmica. Não posso concluir sem destacar o quanto me são caras as oportunidades de, por meio das minhas participações no CLIU, mudar meu olhar sobre o mundo, sobre as pessoas e sobre mim mesma.

---